



ASSIGNATURA.		Não se recebem assignaturas por menos de 3 mezes, sendo estas pagas adiantadas, como é de costume. Os Srs. assignantes terão sempre direito a todos os numeros deste jornal, comprehendidos no trimestre, semestre ou anno de sua assignatura. Subscreve-se nesta typographia e nas principaes livrarias da corte.	ASSIGNATURA.	
CÔRTE E MICHÉROY:			PROVINCIAIS:	
Por anno.....	12\$000		Por anno.....	16\$000
Por semestre.....	6\$000		Por semestre.....	8\$000
Por trimestre.....	3\$000		Por trimestre.....	4\$000

Politica popular.

II.

O Brasil, a terra de promessa, a terra encantadora para o estrangeiro, ha de ser um dia do brasileiro.

Escutai-nos, oh ! povo ! e guiai-vos pelo pharol da verdade que illumia o nosso discurso.

Não vos deixeis transviar, seguindo os monstruosos preconceitos, elevados até ao ponto de legitimas idéas, que vos impuzeram os liberaes ; porque elles tentão perverter a vossa intelligencia e illudir o vosso coração, que —por docil— se deixa conduzir até á mentira dos programas.

A falsa democracia, que sem pejo affronta a vossa dignidade, póde ainda cavar a vossa ruina.

O interesse individual —principal elemento da politica liberal— faz com que os mais elevados sentimentos do coração brasileiro definhem, ou degenerem no mesmo interesse, pactuando com o cynismo dos mandantes a necessidade dos mandatarios, fazendo assim desaparecer tudo que é nobre e illustre na realza do homem sobre a terra !

A politica no Brasil está degenerada de sua essencia, porque ella deixou de ser a sciencia do engrandecimento da nação, para ser a ambição de governar, que vai subjugando todos os esforços da emancipação do povo, que, pusilanime, se humilha á vontade liberal, entregando a cabeça ao afiado gume do alphange da liberrima democracia.

Entretanto, oh ! brasileiros proletarios, vós que corrieis ás urnas liberaes para enche-las com vossos suffragios, dissei-nos com verdade quaes

os beneficios que auferistes em paga de vosso apoio ?

Tendes por ventura estabelecimentos commodos e hygienicos para viverdes com vossos filhos e descançardes de vosso penoso trabalho ?

Tendes uma caixa de soccorros pios para acudir-vos em vossas necessidades tão palpitantes como a fome, tão desesperadoras como a enfermidade ?

Debalde esperamos pela resposta ! Nada tendes ; nada possuis !

Eis o estado em que vos deixou o tão preconizado liberalismo !

Mas vós, incautos operarios, se apenas ouvirdes a voz liberal fallando-vos de brios, de direitos, de soberanias, n'ella acreditareis, exultando com orgulho de mentirosa liberdade, com que douraes por momentos a vossa propria desgraça e abatimento moral !

Povo insensato ou ingenuo, que se deixa ludibriar e escarnecer, sem que enxergue a densidade das nuvens que vai acarretando para mais ennegrecer o horisonte da patria !

As luctas penosas, as luctas cruéis transformão um povo n'uma especie de cadaver ambulante !

Com os olhos vendados pelas falsas doutrinas pregadas em prol do interesse individual, ao povo arranca o liberalismo a faculdade de ver o futuro ingrato, como o que o espera, se a Providencia não viesse em seu auxilio, mudando a face das cousas, dando a vara do poder ao partido conservador.

E o povo silencioso e entorpecido na descrença, acordou festivo dando vivas ás victorias da guerra, e olhando desdenhoso para o poder decabido !

Felicidade suprema, porque quando o povo descre de todo, não ha poder que o sustenha, nem reflexões que o possam salvar do abysmo.

E' que a nação, na força de seu desalento, pergunta a Deus o problema de seu destino, e não ouvindo resposta á sua pergunta, solta as azas ao anjo da rebellião, ou com os labios descórados e a vista inclinada para a terra, como o lyrio que sente a haste quebrada pelo sopro dos ventos, dá o ultimo arranco de vida, e cahe para jámais erguer-se.

Ainda é tempo, oh! dilecto povo, de serdes creado nos solidos principios da verdadeira politica.

Emquanto tiverdes o espirito mergulhado nas utopias liberaes, não tereis em resultado senão a abjecção e a infamia!

Fraco e sem recursos, não nos é dado tornar eloquente a defeza de vossos direitos; mas a verdade das accusações é tal, que, dispensando as flores do talento, se ha de incutir em vossa alma; e tanto assim, que já vos ouço dizer commoço: "Quando a paixão da avidez de governar, que domina esse partido treloucado — que se diz liberal — se extinguir em suas proprias chamas; quando o partido conservador de todo se consolidar na opinião geral; não veremos o Brasil sem esse desenvolvimento material que deverá emanar-se do nosso suor, porque o suor do povo é ennobrecido e santo."

Da autoridade dos Evangelhos

POR M. FRAYSSINOUS

Bispo de Hermopolis.

(Traduzido por L. M. Peçigueiro).

(Vid. o n. antecedente).

Traduzidos em todas as linguas, esparsos em todas as nações, andando de mão em mão em todas as classes dos fieis, deveria ter-se multiplicado prodigiosamente o numero de copias dos nossos Evangelhos; e d'ahi vem essa infinidade de variantes que se encontra nos textos evangelicos. Depois de trinta annos de paciencia e de trabalhos, um doutor inglez as recolheu até trinta mil, mas cousa notavel, nessa grande quantidade de variantes, não se encontrou uma unica differença essencial; ellas peccão pela con-

strucção das frases mas não pelos factos; pelas palavras e não pelas cousas. Sabe-se tambem que em certos manuscriptos davão-se á liberdade de cotejar, de reunir os textos dos quatro Evangelhos, transportando para um o que se achava no outro; mas tome-se o exemplar mais incorrecto de todos, e ahi se verá o mesmo fundo de doutrina, de moral, de acontecimento, que no exemplar mais puro que se possa encontrar.

Pretendem os eruditos ter-se contado para mais de mil variantes nas obras de Terencio; isto porém não impede a que o que d'elle possuímos o seja substancialmente conforme com o que sahio immediatamente das mãos d'este autor. O grande numero mesmo de exemplares e de manuscriptos que se tem podido consultar, tem fornecido o meio de restabelecer o texto em toda a sua pureza primitiva; de sorte que é uma das obras da antiguidade cujo texto seja o mais puro e o mais correcto.

O mesmo se dá com os nossos Evangelhos. Finalmente quando ainda opinem incredulos em apresentar os nossos Evangelhos como falsificados, temos para os acabrunhar uma prova de facto que está debaixo dos nossos olhos.

Possuímos um grande numero de obras dos Pais da Igreja dos primeiros seculos, e não me consta que algum incredulo tenha tido a louca idéa de dizer que todos esses escriptos poderiam mui bem ter sido suppostos ou falsificados por qualquer impostor. Fôra como se se dissésse que tudo quanto nos ficou dos escriptores do seculo de Augusto, oradores, poetas, historiadores, philosophos, tivesse podido ser composto ou corrompido por um falsario; tal idéa não seria um paradoxo, mas uma extravagancia. Pois bem! se compulsarmos os escriptores da antiguidade christã, veremos que em seus commentarios, em seus tratados dogmaticos, em suas humilhas, em seus livros de piedade, elles de algum modo transcreverão integralmente o Novo Testamento; ahi acharemos o sentido, e quasi sempre as proprias palavras dos nossos Evangelhos: de maneira que, se, o que é impossivel, esses livros viessem a desaparecer de repente, não seria difficil recompô-los, reunindo as citações que se achão esparsas pelos autores ecclesiasticos dos primeiros seculos. Consequentemente os exemplares dos nossos Evangelhos que se lião na mais alta antiguidade erão exactamente conformes

com os que possuímos hoje; consequentemente, passando através dos séculos, elles não têm soffrido em sua substancia alteração alguma de valor.

Assim, quando leio os Evangelhos, posso dizer: Tenho nas minhas mãos livros compostos, ha dezoito séculos, pelos apóstolos e discipulos de Jesus-Christo; estes livros são ainda taes quaes sahirão de suas mãos, e aprendo a sua doutrina tão seguramente como se a ouvisse de sua propria bocca; e tudo isto sei por um modo mais certo ainda, do que sei que Cezar compôz os *Commentarios* que trazem seu nome.

Não nos venhão pois dizer que são todavia homens sabios os que têm contestado a origem dos nossos Evangelhos. Porque o que são alguns sabios de hoje, que, mesmo com sabedoria, não podessem ser mais que espiritos mediocres? o que são elles ante essa multidão de bellos genios não menos sabios do que elles, e cuja profunda capacidade como erudição, é consagrada pela veneração da posteridade? Forão também sabios, ou homens reputados por taes os que professarão o atheismo, e pretendirão persuadir ao governo humano a transgredir a lei de Deus; e para isso será preciso que sejamos atheus? O que vale a erudição sem raciocinio? Fica sendo como um peso que esmaga: para os espiritos fracos, os thesouros da memoria são ricos materiaes em mãos de um architecto inhabil. Quem houve mais sabio do que o pai Hardouin, e quem do que elle avançou paradoxos mais revoltantes? Cumpre confessa-lo, este celebre erudito combateu a antiguidade da Eneida por meio de reflexões não menos embaraçosas e sublis que as que se tem opposto á antiguidade dos nossos Evangelhos; entretanto um só apologista elle não deixou no mundo litterario, em quanto que os nossos apóstolos de incredulidade deixarão numerosos discipulos: e porque será isto? Porque as paixões humanas tem manifesto interesse em enfraquecer-se, em destruir a autoridade dos livros santos, e porque alem de tudo pouco importa que um cenobita do decimo terceiro seculo, como o queria Hardouin, ou que Virgilio, como pensa o mundo inteiro, tenha tido a gloria de cantar Enéas e suas façanhas. Maus juizes são as paixões: quando ellas se pronunciam, a verdade succumbe sempre; seu triumpho, porém, é uma ignominia; o mais das vezes mesmo é passageiro.

Infelizes de nós, se a verdade fosse vencida por nossas resistencias! A nossa salvação não pode estar senão nas suas victorias: esperemos, para descanso nosso e das gerações futuras, que a verdade prevaleça sobre a mentira, e que a vejamos surgir mais brilhante do choque mesmo das contradicções; bem como esses archotes que só lançam uma claridade mais viva, quando brandidos e agitados com mais violencia. (*)

Malena

PHANTASIA ROMANTICA

por B. F. L. de A.

II.

(Vid. o n. antecedente).

"Foi terrivel a minha allucinação.

"Nada mais vi, porque tinha pairado diante de meus olhos uma nuvem de sangue.

"A alma estava desfallecida na lucta violenta do corpo.

"Succedeu um instante silencioso e frio como a hora que precede ao supplicio.

"Era o anseio afflictivo de Ugolino.... era o queimar da tunica do Centauro da fabula.

".....

"Depois.... eu acordei d'esse pesadelo doloroso... Sentia um pesar indefinivel, uma agonia interna que me pungia no extremo da sensibilidade.

"Olhei para Julia; — tinha o collo inclinado sobre o peito como a garça que enxuga as penas humedecidas pelo beijo da onda, e os cabellos setinosos fluctuavão-lhe em desordem sobre as espadas de neve.

"Eu não podia articular uma só palavra.

"A custo, porém, approximei-me d'ella e murmurei baixinho:—Eu te amo!... Deus o sabe!...

"Ella escondia o rosto entre as mãos e chorava.—Os anjos também devião chorar.

"Era o lyrio que chorava na ruina das suas petalas; era o filho do amor e da paixão que chorava a morte de sua virgindade."

E Luiz interrompeu-se com um gesto de mudo desespero.

Elle acabava de ler a folha mais triste do livro de sua vida.

(*) Veja-se *Refutation de la Bible enfin expliquée*, Cap.I.

Era como a dôr justa e inconsolável do cantor mavioso de Eurydice.

III.

Lgrimas, só lgrimas...

Inundem a campa que lhe guarda as cinzas
O pranto do remorso.

Garret—Lyrica.

O sentimento moral tem sempre um caracter multiplice...

O falso socego da paciencia esconde o accesso comprimido da raiva—movimento instinctivo—porque o homem não pode abençoar as suas dôres...

Por ventura um grito de maldição surda não se escapava d'entre as palavras resignadas de Job?

É que a resignação é o torpor natural que succede á impotencia e ao cansaço do desespero. Luiz sentia aversão a si mesmo... elle tinha alevantado a ponta do véo negro que cobria a sepultura dos sonhos mais queridos de sua juventude.

Elle fez um esforço sobre si e proseguio. O coração engana e varia como o tempo. Tem flores de suave fragancia que murchão para vegetar espinhos agudos e venenosos; crenças que morrem para gerar o desalento e o scepticismo.

Como Protheu elle passa por todas as fórmas;—como o prisma muitas vezes reverbera côres que não possui.

Depois d'esse dia fatal—Gethsmani da pureza de Julia—expirou no interior do meu coração a derradeira nota do psalmo sagrado de meu amor innocente.

O mel do deleite tinha-me distillado n'alma uma gôtta de azedume.

Achei-me em um mundo novo.

Não era já aquelle Eden, passageiro de minhas primeiras impressões,—ridente de imagens, a cuja sombra pensava nos Cherubins que dormitão ao crepusculo do mysterio.

Não, era meu plano esteril, como o areal fervente e solitario do Sahara, revolido pela passagem destruidora do furacão.

Julia, a fada graciosa de meus primeiros sonhos era para mim como a estrella de luz mortica que se esconde aos olhos do proscripto aavez do neyoeiro dos mares.

Aos sons desordenados do dithyrambo das saturnaes, arrojé-me no tubrilhão infrene dos prazeres do corpo—onde os labios se embotão nos labios impuros da libertinagem.

Novo D. Juan, enlancei-me nos braços da beleza prostituida.

Embriagado de miseraveis sensações, empal-ledecido pelos estragos da insomnia... eu adorava aquelle goso que o homem compra—e que depois deseja cuspir-o na face da mulher perdida.

No remanso da noite já não vinha debruçar-se á cabeceira de meu leito, a virgem pura do ideal envolta em roupagens alvadias.

No meu somno breve e agitado eu ouvia a gargalhada cynica da voluptuosa Ooliba—que no molle abandono do crime me acenava—com as formas descobertas e provocadoras.

Mas o coração incauto não entrevê, no cantar mavioso da Sirena a syrte perigosa que se esconde sob o lençol das aguas mansas e aniladas. A's commoções estereis da lascivia—seguio-se a febre da doença.

Com mão tremula e enfraquecida apaguei o brandao da orgia e retirei-me a um sitio solitario e agreste.

Ali—a natureza se ostentava em sua simplicidade primitiva como a donzella em sua nudez graciosa, despida dos enfeites do mundo, mostrando o harmonioso de seu talhe, o natural de seus encantos e seducções...

Lá a musica dos saráus não acordava o silencio de suas varzeas—apenas se escutava ao rumor das aguas das cachoeiras, a rude cantiga do pesado matteiro ou os accents tristes e singelos da viola do pescador.

Passei da agitação para o silencio como das trevas para a luz.

A intensidade das impressões fortes não me desfigurava mais a verdade.

O espirito tranquillo e feliz com o seu repouso, via—na doce paisagem da solidão—a obra de Deos sem o artefacto do homem.

E desejei ser bom... e pezou-me muito! oh! muito, a desventura do meu passado....

A linguagem do ermo tinha-me sido como a voz santa do orgão que falla da ventura do céu.

Livre da fascinação dos desejos ardentes e exaltados—eu sentia a alma viajar de novo e

esperava anhelante a felicidade da reabilitação.

Para mim Deus não era como antes, a palavra estudada que o coração decóra, o pensamento confuso que o systema ensina—a necessidade indistincta que o terror engendra.

Crença suave e espontanea, era elle, mais bello e grandioso no zumbir do insecto, que esvoaçava no estalido da folha que estremecia no ramo, no queixume do rio que se espreguiçava indolente, na harmonia *sagrada* que se desprendia da cadêa dos seres.....

Tinha-se já passado muito tempo...

Era, bem me lembro, uma noite calmosa do estio.

A lua caminhava vagarosa pelo céu... e o silpho invisível passava sobre a nuvem mysteriosa de perfume.

Era um d'esses quadros de melancolica poesia, que tantas vezes cantou o genio de Byron e que se respira tão doce nas monodias do poeta de Graziella.

Eu estava triste... porque o coração tem mysterios que a alma não comprehende... „

São como esses aromas que respiramos na frescura da floresta virgem que emanão de flores silvestres e desconhecidas que a natureza cria no retiro de seus segredos.

Era um presagio talvez, e ao longe se perdia o echo de uma voz suave e varonil, que, em estylo melancolico, entoava uma canção simples cheia de amor e sentimento.

O canto morria frouxo como uma melodia de Bellini.

Era um coração vertendo lagrimas em notas de ternura.

Era uma lenda de religiosa paixão cantada pela voz da saudade!...

Lembrei-me então das trovas ingenuas dos canoieiros do norte, e uma lagrima cahio-me sobre o peito; era a lagrima tambem da saudade.

E eu disse no silencio de minh'alma: — Meu Deus! esqueci-te no tumulto de minhas paixões!... Onde está aquella grinalda de esperancosos pensamentos que me tecêrão outr'ora os dedos rosados de um anjo?

E meditei chorando.

Na abstracção de um enlevo doce, quasi sobrehumano, eu via como que surgir d'entre o tropel de minhas recordações, uma imagem formo-

sa, mas pensativa,—serena e meiga, porém pallida como uma virgem de Murillo.

Um circulo de celeste fulgor circumdava-lhe a fronte, e uma veste fina, diaphana, branca como a neblina, desenhava-lhe os contornos esbeltos e magestosos.

Era Julia que voltava ao meu pensamento.

Mas a visão durou pouco, e ao mesmo tempo junto de mim alguém pronunciou o meu nome.

Voltei-me vivamente, e achei-me em face de um homem: era meu pai.

Oh! eu não estava preparado para tanta felicidade! Enlacei-me nos seus braços sem poder fallar-lhe, porque as grandes emoções paralisão as nossas faculdades.....

Um momento depois, sentado diante d'elle, a luz de meu aposento, eu contemplava cheio de alegria aquelle rosto veneravel da idade segura e reflectida.

Separado por longo tempo de seus carinhos, eu sentia n'aquelle instante toda a ventura da minha infancia.

E como me reputava feliz!

Porém, nas phrases as mais tranquillias de minha vida, sempre o meu prazer foi ferido por um espinho de desgosto... predestinação terrivel que me segue em toda a parte, como uma sombra de consciencia.

Notando que meu pai trajava luto, encarei-o com um movimento de pesarosa surpresa.

Elle comprehendeu-me, e disse-me, lançando-me um olhar rapido e scintillante.

— Nada devo occultar-te, meu filho, porque a morte desvenda tudo. Luiz, continuou elle, derramando copioso pranto, morreu-me uma filha que eu amava muito.

— Eu tive uma irmã? I...gritei então assaltado de uma negra idéa.

Meu pai curvou a cabeça e continuou suspirando:

— Tão bella, quanto innocente, ella fazia as minhas delicias, porque me lembrava uma mulher que na minha mocidade adorei com loucura....

“ Porém Deus punio-me, e eu abenço a sua justiça.

Meu pai callou-se, embargado pelos soluços.

Depois tirou do bolso uma caixinha, que me

entregou, accrescentando com tom de suave tristeza :

— Eis o seu retrato ! Vê, meu filho, como era bella e criança tua pobre irmã.

O coração saltava-me dentro do peito ; abri a caixinha com extraordinaria avidez, mas logo arrojé-a para longe com a furia de um possessor.

Na convulsão de um horroroso espanto, soltei um grito agudo e desesperado... foi uma blasfemia.

Satanaz não rugio tão feroz ao cahir no abysmo.

E poderia eu crer em Deus n'esse momento ?

O retrato era de Julia ! Julia era minha irmã !

A estas palavras Malena precipitou-se fóra do caramanchão, espavorida e trémula... e a voz do mancebo se perdeu em uma inflexão rouca e estrangulada.

Mudo era o seu soffrimento, mas grande e pathetico, porque a dôr tem o sublime da eloquencia quando falla pelo silencio das lagrimas.

(Concluir-se-á).

Minha Mãe.

Com as lagrimas nos olhos,
Com a dôr no coração,
Vou soltar da triste lyra
A minha doce canção.
E' singella, tão sentida
Como os ais da solidão,
Mas ardente, abrasadora
Como a dôr do coração !

(PINHEIRO CALDAS.)

I.

Oh ! minha terna mãe, ô contristado
Que eu vejo um filho nos maternos braços,
Sem que possa também aventurado
Sentir após dos meus teus doces passos :
Porque com teu amor divinizado,
Entre sorrisos mil e mil abraços,
Eu não teria dôr nem amargura,
Seria a minha vida uma ventura !

Se o filho que tem mãe 'stá nas campinas,
Por onde se espreguiça brandamente
O regato de lymphas crystalinas,
N'elle entra a banhar-se, e vai contente
Querendo atravessal-o... e nas collinas
Um touro muge estrepitosamente...
Corre o menino, e quasi a se affogar,
Da morte sua mãe o vai salvar.

Se a noite se avizinha, o sol, abrindo
As portas do seu languido occidente,
Vai co'a lua encontrar-se, que sorrindo
Passeia pelo céu resplandecente ;

E a fadiga o menino 'stá sentindo,
E o somno se lhe chega docemente...
Dorme embalado, e livre de receios,
Porque dorme da mãe bem junto aos seios.

Se a aurora renasceu, e o sol brilhando,
Uma restea de luz bate no rosto
Do filho amado, a mãe o vai beijando ;
E depois do seu trajo estar composto,
Contente no oratorio ajoelhando,
— Mãos erguidas a Deos, — pede com gosto,
Com piedade e fé, que a diva Graça
A seu filho preserve da desgraça.

Feliz ! oh ! sim ! feliz hoje reflecto,
Quem da dextra o contacto santo e puro
De sua terna mãe sentio, bendicto !
Jámais das trevas vio no fundo escuro
De fogo as letras com que fóra escripto
O meu tempestuoso e máo futuro,
Vivendo amargurado em tecto alheio,
Co' braseiro da dôr dentro em meu seio !

Lábios de mãe quem tem senão p'ra o filho ?...
— Beijos do céu, ungidos de ternura ;
Mão que me conduza a sabio trilhio,
E que os erros me puna com brandura,
Nunca mais eu terei !... Hoje me humilho,
Soffro o triste soffrer da desventura,
Porque tu me fallaste, oh ! mãe querida,
Para amparo de minha triste vida !

Oh ! tu, que tantas vezes me beijaste,
Sabe, que este teu filho nunca mais,
Depois que d'este mundo ao céu voaste,
Achou n'outra mulher mimos iguaes !
Não qu'eu me lembre como me affagaste
Trocando meus gemidos por teus ais,
Mas por ver tantos filhos venturosos
Caricias maternas fruindo e gozos.

Um lustro tão somente, um lustro tinha,
Quando a foice voraz da impia morte
O bem mais caro me levou daminha !
Somio-se a estrella que marcava o norte
De todo o meu porvir, da vida minha,
Co'as lufadas de circio intenso e forte !...
Morreste, minha mãe !... era eu criança...
De ti nada mais tenho que a lembrança !

II.

Será superstição ?... A' noite, quando
O céu d'estrellas se recama azul,
Eu vejo minha mãe no brilho infado
De linda estrella que la 'stá no sul.

Era innocente; nos umbraes da herdade
Mirava a lua, meditando o que?...
— Talvez nos brinco da manhã seguinte,
N'essa ventura que o menino crê.

Rasgára o espaço — qual lampejo vivo —
Fugaz meteóro que sumio-se alem,
E um pobre velho que passou me disse:
«E' alma errante que o perdão não tem.»

Pobre ignaro! quem lhe deu taes crenças,
Para a innocencia tão fataes então?...
Improccavido, meditei chorando
Que errava minha mãe, sem ter perdão!

Ella, a santa, meu Deus! ella, a candura,
Ella, a mãe piedosa, em nuvem densa
Errando nos espaços sem destino...
Que triste não me foi tão dura crença!

De susto e de pavor choro e me queixo...
E com zelos meu pai, que nada alcança,
Calca a sabia rasão, fallando em termos
Que mais cálio na mente da crença.

«Meu filho (diz meu pai) socega; o fogo
«Que tu viste passar, se é alma errante,
«Não é de tua mãe, que a d'ella existe
«N'aquella grande estrella rutilante.»

E meu pai me apontando a estrella ao longe,
Eu os olhos lhe ergui cheios de fé,
E lá vi minha mãe!... — Era mentira,
Que só o amor de um filho n'ella crê!

Será superstição?... mas eu me affogo
Em prantos de saudade e de tristura,
Se a vista lanço ao sul e vejo ao longe
A minha linda estrella que fulgura!

E depois de chorar, entre suspiros,
Minha alma sinto se elevar ao céu
Bem junto á minha estrella, e após volver
Cheia de paz serena ao corpo meu!

Será superstição?... mas eu não posso
Deixar a crença que me a dôr mitiga;
Adoro a estrella que a luz me aponta
A alma de minha mãe que a Deus se liga!

Chame-me o sabio embora ignorante,
Castigue o meu error:.... no céu azul
Haide sempre enxergar-te, minha mãe,
Na linda estrella que lá 'sá no sul!

III.

Que foste, minha mãe, perante a vida,
Mais que a sombra de um dia vaporoso
Nas trevas a morrer?
Foste um astro de luz fascinadora
Que a borrasca do sul enfurecida
Fez o brilho perder!

Foste a novel roseira e vigorosa
A' sombra do frondifero vergel,
Ornada de botões,
Que as azas fortes do pameiro quebra,
E o tronco estala de vergontosas cheias,
Cheio de rebentões!

De odora selva gemedora pomba,
Que entre o meigo arrulhar, aos tenros filhos,
Implumes dá amor;
Quando a bala veloz, veloz lhe parte
Em meio o coração, — morta cabindo
Aos pés do caçador!

Que foste, minha mãe? — Foste a belleza;
Foste a virtude austera e soffredora,
Com rosto de ventura!
Tinhas n'alma um volcão de dôr suprema,
E mostravas a paz no teu semblante
Com risos de ternura!

Foi assim, que ao te ver da morte o anjo
Por ti se enternecendo, susta o golpe,
A fronte te osculando!
Não foi, tal como eu disse, a foice adunca
Que os estames da vida te cortou,
Que eu hoje estou chorando!

Não foi... que tu sorrias quando os olhos
A' morte ias voltando em paz serena,
Sem dôr nem convulsão;
Foi Deus, o proprio Deus, que n'alma tinhas
Que os olhos te cerrou, e que comsigo
Levou-te á gloria então.

Só pendeu-te uma lagryma tranquillã
No teu final instante, humedecendo
A dextra de meu pai!
Foi a dôr que soffreste unicamente...
Eoi talvez a saudade... o adeos eterno
No derradeiro ai!

Foi a bênção suprema ao despedir-te
Dos filhos innocentes que brincavão
Em torno de teu leito;
Foi a triste lembrança, a atrás saudade
Que terias de mim, tal como eu tenho
De ti, dentro em meu peito!

Foi a noite que ao dia succedeu...
Mas o dia nasceu para tu alma
Da clara eternidade,
Foi o agro destierro de teus filhos,
De meu pai o transvio desgraçado...
Foi a realidade!

IV.

E hoje só me resta n'este mundo
Como alivio do céu, como ventura,
Suspiros e saudades de minh'alma
Plantar de minha mãe na sepultura!

GRIMALDI.

Revista da semana.

O leitor, acostumado a ler continuamente a revista da semana escripta por pennas muito habéis, extranhará por certo a linguagem rude e falta de belleza do pobre principiante, que, cheio de embaraços, quer entrar na arena litteraria. Tenha paciencia, supporte-me, tolere-me mesmo, pois prometto fallar sempre tendo por divisa a verdade e a justiça.

Todos os sabbados os amollarei com as minhas prosas, e relatarei ao benevolo leitor as minudencias da semana, a menos que não me succeda o mesmo que hoje, vendo-me cercado de difficuldades pela falta de occorrencias dignas de particular menção.

A não ser o despota do Paraguay, o aereonauta do Passeio Publico, o relógio irregular da Estrada de Ferro, a demolição dos botequins da Praça da Constituição, a falta d'agua, a briga dos agnadeiros e o professor de primeiras lettras de uma certa Freguezia, que obriga os alumnos a entrarem por dia com a quantia de 20 rs. para ser applicada á solemnidade das ferias (valha a verdade), eu teria de embrenhar-me na politica reinante; e como detesto tudo quanto cheira a progressista, liberal ou conservador, vejo-me tolhido, acanhado mesmo, e confesso que dava de bom grado tudo quanto posuo para ter o espirito do illustrado *Será sério?* porque assim elevaria meu nome ao apogeo da gloria e me collocaria ao lado dos melhores escriptores.

A natureza foi má para mim, deixando de mimosar-me com alguma dose de talento, por isso contento-me em ficar na esphera da mediocridade.

Uma vez que me cabe a ardua tarefa de dirigir-me aos illustrados leitores da *Revista Fluminense*, é necessario que os faça conhecedores de todas as minhas manhas e defeitos.... gosto muito de moças, quer sejam feias ou bonitas, e sou fanatico pela dança.

Um cartão de convite deu-me entrada nos salões da Sociedade Harmonia Familiar do "Engenho Novo..."

E'-me inteiramente impossivel explicar-lhes a sensação que experimentei ao entrar n'esse salão modestamente adornado, onde se reúnem uma vez por mez as familias mais distinctas do lugar e da corte.

A "Harmonia Familiar,, não me pareceu uma sociedade de baile, porém um novo Paraizo, onde de instante em instante o coração me pulsava agitado ao encarar mais uma joven linda, que me captivava pelas maneiras affaveis e delicadas com que tratava a todos, mais um cavalheiro que primava pela polidez e urbanidade dignas de um socio de tão nobre sociedade.

Cousa rara, entre tantas moças, não vi uma que fosse feia e desde já me confesso apaixonado por todas ellas.

Permitta-me o leitor que lhe faça uma pequena descripção dos *toilettes* de apurado gosto que ahí encontrei.

Uma Exma. senhora que trajava vestido cõr de rosa, ornado de quadros de velludo preto, tendo em cada angulo um botão de aço, tornava-se notavel não só pela singeleza e gosto de seu *toilette* como tambem pelo trato ameno e excessivamente delicado. Davão-lhe especial graça umas contas de coral que servião de enfeite á seus negros cabellos.

Duas meninas, que trajavão vestido de organdy verde, erão lindas e tão lindas que chegavão a enthusiasmar. Eu quizera ser poeta, quizera ter a lyra de Gonzaga para ir aos céos buscar côres as mais finas para poder desenhar esses dois rostos de anjinho ornados de todas as galas filhas da innocencia e da candura. E como não mereci nem ao menos um só sorriso deslizado desses labios angelicos, naturalmente porque sou feio, fui para o meu cantinho solitario e triste e disse como o poeta Pedro Gomes:

De que serve a vida quando o peito exausto
Não alimenta uma illusão se quer?
Quando nossa alma não se aquece em gozos
Nos alvos seios de gentil mulher?

Duas meninas que trajavão de branco, apertando a delgadinha cintura com uma fita cõr de rosa com um friso branco no centro, erão bonitinhas e dansavão a fazer admirar. Emfim, a "Harmonia Familiar,, é credora de mil elogios; a sua directoria composta de cavalheiros muitissimo distinctos assegura-nos sempre reuniões como a do dia 19; a boa ordem e sobretudo a excellentissima musica dirigida pelo habil Sr. Cenrado Brill garantem aos moradores do monotono Engenho Novo, noites cheias de prazer como as que acabo de narrar. Ponto.

STRICKE LIGHT.